

KAVEH AKBAR, ENTRE A FALA E A FALTA: REFLEXÕES SOBRE A AUSÊNCIA A PARTIR DA TRADUÇÃO DO POEMA "O MILAGRE"

KAVEH AKBAR, BETWEEN LANGUAGE AND LOSS: THOUGHTS ON ABSENCE WHILE TRANSLATING THE POEM "THE MIRACLE"

Layla Gabriel de Oliveira¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar a tradução do poema "O Milagre", extraído do livro *Pilgrim Bell* (Akbar, 2021), do poeta iraniano-americano Kaveh Akbar, do inglês para o português. Partindo do poema, traçarei uma análise das metáforas para a ausência na obra de Akbar como um todo, com foco nas diferentes formas em que a falta é retratada. Proponho também uma reflexão sobre a linguagem e seus limites, a partir da obra de Akbar e do seu passado biográfico.

Palavras-chave: Poesia. Tradução. Imigração.

ABSTRACT: This article aims to present the translation of the poem "The Miracle", extracted from the book *Pilgrim Bell* (Akbar, 2021), by the Iranian-American poet Kaveh Akbar, from English to Portuguese. Based on the poem, I will analyze the metaphors for absence in Akbar's work, focusing on the different ways in which loss is portrayed. I also propose to reflect about language and its limits based on Akbar's work and his biographic past.

Keywords: Poetry. Translation. Immigration.

1. INTRODUÇÃO

Com frequência, a linguagem – suas possibilidades e impossibilidades – é objeto central da poesia. Tanto é que, para certos teóricos da literatura, a reflexão metalinguística é qualidade intrínseca do fazer poético: de acordo com o importante

¹ Mestranda, UFPR.

formalista russo Roman Jakobson, a linguagem poética consistiria, acima de tudo, em uma certa relação autoconsciente da linguagem para consigo mesma (Eagleton, 2006, p. 148).

Os mecanismos para criação da reflexão sobre a linguagem via poesia podem ser dos mais diversos. E, apesar de não ser um tema inusitado, o recurso da metalinguagem não está esgotado: um bom autor é capaz de encontrar pontos de contato entre a linguagem, a literatura e suas ambições particulares. É o caso do poeta Kaveh Akbar, que desde 2017 vem protagonizando o cenário poético estado-unidense. De forma contínua na sua obra, o autor discute o universal da problemática da linguagem a partir da sua trajetória particular.

Akbar é um cidadão americano de imigração iraniana e produziu dois livros: *Calling a Wolf a Wolf* (2017) e *Pilgrim Bell* (2021). A identidade – que diz respeito a sua imigração e ao seu reconhecimento como cidadão dos dois países, do seu pertencimento (ou não pertencimento) ao país de origem e ao país atual –, o apagamento da língua materna, a menção constante ao farsi e seu uso pontual são tópicos que perpassam a sua obra.

Akbar foi do Irã para os Estados Unidos com dois anos, onde mora até hoje. É professor na Universidade de Iowa, e alcançou considerável reconhecimento nacional pela sua contribuição poética, vencedor de prêmios como o Prêmio *Pushcart* e um Prêmio *Lucille Medwick Memorial* da *Poetry Society of America*. O seu livro mais recente, *Pilgrim Bell* (AKBAR, 2021) foi finalista do prêmio Maya Angelou 2021 e foi recebido com resenhas elogiosas em revistas como *TIME*, *Booklist* e *Library Journal*. O poeta e crítico Hanif Abdurraqib escreveu que "*Pilgrim Bell* é um livro que escolhe honestidade ao invés de beleza, o que o torna um texto deslumbrante".²

Por causa da sua trajetória biográfica, Akbar passou por um processo que se aproxima do que Maher (2007) se refere como um "modelo assimilacionista de

² Citação disponível na quarta capa de *Pilgrim Bell*, 2021, Graywolf Press.

submersão", em que a língua materna é sobreposta por uma segunda língua que possui mais estímulo no ambiente. Como a migração de Akbar se deu tão jovem, o inglês se tornou a sua língua principal. Como consequência, o farsi – língua falada no Irã e pelos seus pais – foi esquecido. Apesar de inserir o farsi em pequenos trechos ao longo da sua obra, Akbar não fala mais a língua, e menções a ela em sua obra estão quase sempre acompanhadas de reflexões acerca da sua falta.

Na literatura de Akbar, o farsi existe no lugar do passado. A língua é invocada pelo autor como um lugar de familiaridade, mas também de abandono: o eu-lírico é saudoso, angustiado, ciente da diferença não só linguística, mas cultural. O farsi é uma herança perdida que deixa um fóssil marcante, e não só em fragmentos nos poemas: Akbar continua um imigrante, preserva os traços persas e mora em um país famoso pela sua islamofobia. Nos Estados Unidos, ser mulçumano permanece como um estigma grande, cercado pelo preconceito. Akbar é, no entanto, pertencente (também) a essa nação. A identidade do autor é tão borrada quanto os limites da linguagem.

E é justamente pelo tema da insuficiência da linguagem que o autor se interessa. Para Akbar, a dificuldade de achar uma nomenclatura que lhe seja adequada abre a porta do que é limitado na linguagem: "As pessoas geralmente se referem a mim como um iraniano-americano, ou o contrário. Essa construção com o hífen me parece falha (...) Tem uma impotência nas nomenclaturas, especialmente quando o objetivo é categorizar ou taxonomizar."³

A experiência da perda da língua materna é um dos pilares bibliográficos essenciais para uma leitura mais completa da obra. A partir dessa reflexão, analisarei como as questões relacionadas aos limites da linguagem se dão na obra de Akbar, a partir da discussão acerca da problemática da falta, sob um prisma metalinguístico. Também explorarei, neste trabalho, algumas das formas como o poeta constrói a ideia

³ Akbar, em entrevista para a *Chicago Review of Books*, 2021.

da ausência no poema "O Milagre", partindo de uma reflexão sobre a sua obra como um todo.

2 METÁFORAS PARA A AUSÊNCIA: O FARSI E A RELIGIÃO

Ao abrirmos *Pilgrim Bell*, somos recebidos pela inscrição: "Qualquer texto que não seja um texto sagrado é uma apostasia. Então isso é um texto sagrado"⁴ (Akbar, 2021, p. 1-3). Essa não é uma alegação inocente; ela evidencia a proposta do livro, pois a intenção do autor era, justamente, definir uma coisa através do que ela não é. No decorrer do livro, nos deparamos com mais e mais exemplos de como o que falta na linguagem – e a falta em geral – é essencial para a obra. Akbar usa o que a linguagem é capaz de fazer para falar do que ela não consegue fazer.

Na tentativa de construir uma obra a partir do negativo, muitas são as metáforas utilizadas para falar sobre a ausência: a principal delas, o farsi. A perda da língua materna abre diversos caminhos para a reflexão sobre as potências e os limites da própria linguagem: "perder a minha primeira língua abriu meus olhos para a materialidade da linguagem e destacou o fato de que a linguagem é algo que pode ser desmontado e remontado. Que a linguagem pode ser um lugar de diversão"⁵. Ao falar da infância, ao falar do Teerã, o farsi é evocado pela sua falta, pela sua ausência: "eu não compreendo as palavras / que balbucio em vídeos caseiros gravados de Teerã mas eu deduzo / que elas eram fascinantes" (Akbar, 2017, p. 71).

Ao lado do farsi, a religião aparece como outro campo fértil para pensarmos a ausência. Akbar cresceu em uma família muçulmana, que usava o árabe para fazer as orações; apesar de não compreenderem a língua, rezavam nela. A religiosidade é uma questão central em toda a obra do poeta, que invoca muitas vezes as pontes entre a

⁴ Essa e as demais traduções presentes neste trabalho são da autora.

⁵ Akbar, em entrevista para *Michigan Quarterly Review* em 2020.

oração e as diferentes potências (e impotências) da linguagem; "o espírito está entre as frações de um nome" (Akbar, 2017, p. 59). Deus, anjos e profetas são personagens que aparecem com frequência nos seus dois livros. Ao refletir sobre o assunto, é possível perceber como o papel da figura divina é essencialmente o da falta: a oração se estabelece como uma tentativa de aproximação com Deus, uma vez que nós – seres humanos – somos vistos pelo Islã (no cristianismo e em tantas outras religiões) como separados do divino. "Um dos principais jeitos em que a linguagem simplesmente não me parece suficiente é quando eu tento pensar sobre o divino⁶".

Ao longo do livro, outros poemas tangenciam a questão da falta, circulando o problema sem mencioná-lo diretamente: "Em farsi, nós dizemos jaya shomah khallee quando alguém querido está ausente da nossa mesa – literalmente: o seu lugar está vazio. Não sei porque eu desperdiço meu tempo com a imprecisão de dizer qualquer outra coisa" (Akbar, 2021, p. 33); "Na primeira vez em que inspecionou Adão, o diabo entrou nos seus lábios [...] se esgueirou pela garganta e através do intestino para finalmente emergir pelo ânus. Ele é oco! o diabo sorriu. Seu trabalho será fácil, um humano é só uma grande falha ansiando ser preenchida" (Akbar, 2021, p. 28). A mesma ideia se repete em outros diversos poemas ao longo da sua obra. Em sua resenha de *Pilgrim Bell*, Elisa Rowe escreve que "o livro oferece mais do que agnosticismo, e com frequência olha o corpo como um quarto ou um espaço onde o divino deveria estar, mas não é possível encontrá-lo⁷".

A intencionalidade da ausência não aparece apenas no conteúdo, mas também na forma. Akbar relatou em entrevista para revista *The Paris Review* que tinha interesse, ao compor o livro, em explorar os silêncios e os espaços físicos que o silêncio deixa nos poemas: "eu comecei a olhar para o silêncio quase como um elemento arquitetônico

⁶ Akbar, em entrevista para *Michigan Quarterly Review* em 2020.

⁷ Elisa Rowe, *Michigan Quarterly Review*, 2021

sobre o qual os poemas são construídos, de modo que a linguagem é uma espécie de espaço negativo à sua volta.⁸ Como em uma xilogravura, é o silêncio, o espaço negativo, que cria as imagens.

No livro *Viver Entre Línguas*, Sylvia Malloy (2018) escreve sobre a sua própria experiência como um sujeito multilíngue. Um dos pontos sobre o qual a autora discorre é precisamente a ausência ocasionada pelo ocultamento de um idioma em detrimento de outro. Para ela, viver entre línguas é o encontro constante com essa ausência, mesmo quando o outro idioma não foi perdido: "Sempre escrevemos a partir de uma ausência: a escolha de um idioma automaticamente significa o fantasmamento de outro, mas nunca sua desapareição" (Malloy, 2018, p. 19). Da forma como a autora coloca, é possível traçar um paralelo entre a sua definição e identificar o farsi como a língua de partida. O farsi é, na literatura do Akbar, essa ausência.

Um dos poemas que mais evidencia o trabalho consciente e elaborado do autor de retratar a falta é o poema "O Milagre" (Akbar, 2021, p. 7). Nele, a ausência ganha uma propriedade e uma função que supera, em importância, o que é concreto no mundo. Mais do que aquilo que é, o negativo, aquilo que não é (o espaço vazio) é considerado indispensável.

O poema, que contém 13 estrofes e uma escrita semelhante à prosa, começa com a descrição do capítulo 96 do Alcorão, onde o anjo Gabriel obriga o homem, ainda analfabeto, a ler. Na narrativa, quando o milagre do letramento acontece, ele acontece condicionado ao vazio: "Foi depois que Gabriel expeliu o que era vazio nele que o Profeta pôde ser preenchido com o milagre." A questão da ausência é elaborada ao longo do poema, a partir de novos pontos de vista.

A obra de Akbar não oferece respostas, mas abre muitas perguntas sobre temáticas sensíveis, vistas como questões íntimas e particulares: o passado, a infância, a perda e a religião. Tudo isso opera na esfera do simbólico, da identidade, do que é

⁸ Akbar, em entrevista para *The Paris Review*, em 2021.

singular. A partir da falta retratada por Akbar, somos convidados a refletir sobre qual vazio ocupa as nossas lembranças, os nossos afetos, o nosso existir. A seguir, apresento um pequeno comentário acerca do fazer tradutório, relevante para justificar algumas das escolhas tradutórias tomadas no processo de tradução do poema "O Milagre".

3 PERSPECTIVAS ACERCA DA TRADUÇÃO

De acordo com Flores (2008), todo encontro de culturas é, por si só, um encontro tradutório. A obra de Akbar apresenta um terreno fértil para se discutir a tradução, através do encontro de linguagens e culturas com o qual os poemas são construídos. Ao incluir termos em farsi na sua obra e explicá-los em seguida, Akbar está traduzindo o que sabe sobre a língua persa para o leitor, a partir do seu entendimento e da sua experiência. O autor também explica o que significa traduzir a sua vivência para os Estados Unidos, o país onde passou a maior parte da sua vida, mas que de certa forma, reprime (ou pelo menos, não compartilha) as suas crenças.

Falemos agora da abordagem prática para a tradução. No que diz respeito à forma, o poema "O Milagre" está em versos livres, portanto, proponho que a tradução siga o estilo formal apresentado, assim como a distribuição de versos não regulares explorada pelo autor. No geral, as escolhas tradutórias foram tomadas no sentido de reproduzir os efeitos do texto em inglês para o português, através do uso não convencional das palavras e de uma sintaxe quebrada e inventiva, que é parte importante do poema. Justifico, portanto, em nome desse estranhamento, a escolha de frases como "Você tranca demais para ser porta", onde o verbo "tranca" (em inglês, *locked*) soa tão deslocado no inglês quanto no português.

A seguir, apresento a tradução integral do poema "O Milagre", extraído do livro *Pilgrim Bell*, de Kaveh Akbar, com notas para esclarecimentos acerca das escolhas tradutórias.

4 POEMA "O MILAGRE", TRADUÇÃO E NOTAS.

4.1. "THE MIRACLE", ORIGINAL

The Miracle

Gabriel seizing the illiterate man, alone and fasting in a cave, and commanding READ, the man saying I can't, Gabriel squeezing him tighter, commanding READ, the man gasping I don't know how, Gabriel squeezing him so tight he couldn't breathe, squeezing out the air of protest, the air of doubt, crushing it out of his crushable human body, saying READ IN THE NAME OF YOUR LORD WHO CREATED YOU FROM A CLOT, and thus: literacy. Revelation.

It wasn't until Gabriel squeezed away what was empty in him that the Prophet could be filled with miracle. Imagine the emptiness in you, the vast cavities you have spent your life trying to fill – with fathers, mothers, lovers, language, drugs, money, art, praise – and imagine them gone. What's left? Whatever you aren't, which is what makes you – a house useful not because its floorboards or ceilings or walls, but because the empty space between them.

Gabriel isn't coming for you. If he did, would you call him Jibril, or Gabriel like you are here? Who is this even for?

One crisis at a time. Gabriel isn't coming for you. Cheese on a cracker, a bit of salty fish.

Somewhere a man is steering a robotic plane into murder. "Robot" from the Czech *robota*, meaning forced labor. Murder labor, forced. He never sees the bodies, which are implied by their absence. Like feathers on a paper bird.

Gabriel isn't coming for you. In the absence of cloud-parting, trumpet-blaring clarity, what? More living. More money, lazy sex. Mother, brother, lover. You travel and bring back silk scarves, a bag of chocolates for you-don't-know-who-yet. Someone will want them. Deliver them to an empty field. You fall asleep facing the freckle on your wrist.

Somewhere a woman presses a button that locks metal doors with people behind them. The locks are useful to her because there is an emptiness on the other side that holds the people's lives in place. She doesn't know the names of the people. Anonymity is an ancillary feature of the locks. "Ancillary" from the Latin *ancilla*, meaning servant. An emptiness to hold all their living.

You created from a clot: Gabriel isn't coming for you. You too full to eat. You too locked to door.

Too cruel to wonder.

Gabriel isn't coming. You too loved to love. Too speak to hear. Too wet to drink.

No Gabriel.

You too pride to weep. You too play to still. You too high to cum.

No. Gabriel won't be coming for you. Too fear to move. You too pebble to stone. Too saddle to horse. Too crime to pay. Gabriel, no. Not anymore. You too gone to save. Too bloodless to martyr. Too diamond to charcoal. Too nation to earth. You brute, cruel pebble. Gabriel. God of man. Cheese on a cracker. Mercy. Mercy.

4.2 "O MILAGRE", TRADUÇÃO E NOTAS.

O Milagre

Gabriel apreende o homem analfabeto, sozinho e jejuando em uma caverna, e o obriga LÊ o homem diz não consigo, Gabriel o espreme com força, o obriga LÊ, o homem arqueja eu não sei como, Gabriel o espreme tanto que ele não consegue mais respirar, espreme para fora o ar protestante, o ar da dúvida, esmaga-o para fora do seu corpo humano esmagável, diz LÊ EM NOME DE TEU SENHOR QUE TE CRIOU DE UM COÁGULO⁹, e então: letramento. Revelação.

Foi depois que Gabriel expeliu o que era vazio nele que o Profeta pôde ser preenchido com o milagre. Imagine o vazio em você, as tantas cavidades que você passa a sua vida inteira tentando preencher – com pais, mães, amantes, linguagem, drogas, dinheiro, arte, louvor– e imagine que tudo isso foi embora. O que sobra? O que quer que seja que você não é, é o que te compõe – uma casa é útil não por causa do seu piso ou do seu teto ou de suas paredes, mas por causa do espaço vazio entre eles.

⁹ Passagem do Alcorão, conhecida como Sura Nonagésima Sexta ou Sura do Coágulo, verso 1. Tradução José Pedro Machado, 1979. Como se trata de uma citação direta, optei aqui por não traduzir literalmente, mas resgatar o trecho na tradução consolidada do Alcorão na língua portuguesa.

Gabriel não vem por você. E se ele viesse, você o chamaria de Jibril¹⁰, ou Gabriel como chama agora? Para quem é isso mesmo?

Uma crise de cada vez. Gabriel não está vindo. Biscoito água e sal¹¹, um punhado de peixe salgado.

Em algum lugar, um homem programa um avião robô para assassinar. "Robô" do tcheco robota, significa trabalho forçado. Trabalho de assassinar, forçado. Ele nunca vê os corpos, que são implicados pela ausência deles. Como penas em um pássaro de papel.

Gabriel não vem por você. Diante da ausência de um raio-de-luz, clarão de trompeta-estrondosa, o que? Mais vida. Mais dinheiro, coito desinteressado. Mãe, irmão, amante. Você viaja e traz de volta echarpes de seda, uma caixa de bombons para você-ainda-não-sabe-quem. Alguém irá querê-los. Entregue-os para um campo deserto. Você adormece mirando as manchas da sua mão.

Em algum lugar uma mulher aperta o botão que tranca portas de metal com gente atrás. A tranca é útil para ela porque o vazio do outro lado mantém a vida dessas pessoas no lugar. Ela não sabe o nome dessas pessoas. O anonimato é uma característica auxiliar das trancas. "Auxiliar" do latim ancilla, significa servente. Um vazio para conter todo o viver.

¹⁰ "Jibril" é o nome do anjo Gabriel em árabe.

¹¹ De acordo com a minha interpretação, a frase "biscoito água e sal" diz respeito a uma história popular contada por padres e pastores, sobre um viajante humilde que usou todo o seu dinheiro para comprar uma passagem de avião, e por isso, encheu sua mala com biscoitos de água e sal para poder se alimentar durante o voo. Toda a vez que as refeições eram servidas, ele comia triste os seus biscoitos, até que no fim do voo, descobriu que toda a comida já estava inclusa no valor da passagem. A moral da história é que os cristãos não deveriam se privar de certos luxos, pois esses foram concedidos por Deus. Optei por traduzir "cheese on a cracker" pelo equivalente de um biscoito simples em português, "biscoito água e sal".

Você que foi criado de um coágulo: Gabriel não vem por você. Você cheio demais para comer. Você tranca demais para ser porta.

Cruel demais para imaginar.

Gabriel não vem. Você amado demais para amar. Fala demais para ouvir. Molhado demais para beber.

Nada de Gabriel.

Você orgulho demais para chorar. Você jogo demais para parar. Você chapado demais para o gozo.

Não. Gabriel não vai vir por você. Medo demais para se mexer. Você seixo demais para apedrejar. Sela demais para o cavalo. Crime demais para quitar. Gabriel, não. Não mais. Você acabado demais para salvar. Pálido demais para o martírio. Diamante demais para o carvão. Nação demais para essa terra. Seu seixo, bruto e cruel. Gabriel. Deus dos homens. Biscoito água e sal. Misericórdia. Misericórdia.

REFERÊNCIAS

AKBAR, Kaveh. *Calling a Wolf a Wolf*. Farmington, Maine: Alice James Books, 2017.

AKBAR, Kaveh. *Pilgrim Bell*. Minneapolis, Minnesota: Graywolf Press, 2021.

CHAFFA, Mandana. Pilgrims, Prophets, and Poetry: An Interview with Kaveh Akbar. *Chicago Review of Books*, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://chireviewofbooks.com/2021/08/10/pilgrims-prophets-and-poetry/>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FLORES, Guilherme Gontijo. *A diversão tradutória: uma tradução das Elegias de Sexto Propércio*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, 2008.

JOHN, Nathan. Losing Language to Find It: An Interview with Kaveh Akbar. *Michigan Quartely Review*, out. 2020. Disponível em: <https://sites.lsa.umich.edu/mqr/2020/10/losing-language-to-find-it-an-interview-with-kaveh-akbar/>. Acesso em: 20 de jun. 2023.

MAHER, T. M. *Transculturalidade, linguagem e educação*. São Paulo: Mercado das Letras, 2007.

MALLOY, Sylvia. *Viver entre línguas*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Relicário Edições, 2018.

ROWE, Elisa. My Empire and My God: A Review of Pilgrim Bell. *Michigan Quartely Review*, 2021. Disponível em: <https://sites.lsa.umich.edu/mqr/2021/07/my-empire-and-my-god-a-review-of-pilgrim-bell/>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

TEICHER, Craig Morgan. Poetry Is Doing Great: An Interview with Kaveh Akbar. *The Paris Review*, 18 ago. 2021. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2021/08/18/poetry-is-doing-great-an-interview-with-kaveh-akbar/>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

Recebido em: 12/07/2023.

Aceito em: 06/10/2023.